

MINISTÉRIO DA CULTURA E PETROBRAS APRESENTAM

diálogos com a

# GERAÇÃO Z

fronteiras educação

LINGUAGEM E  
PRODUÇÃO DE SENTIDO



Ano 3 | 2012 | #01

# A INTERPRETAÇÃO

# DOS SINAIS

O produto mais sofisticado da história da humanidade é a linguagem. É o conjunto de linguagens que desenvolvemos e utilizamos que nos dá esta enorme vantagem competitiva no planeta. A arte, a ciência, a comunicação verbal cotidiana, a escrita, os gestos e o comportamento corporal, os códigos de sinais, os dígitos e as ondas de rádio, as vestimentas e até mesmo a cidade são diferentes formas de linguagem humana.

Para entender este fenômeno, desenvolveu-se uma ciência a partir do estudo comparativo dos idiomas, a linguística, do suíço Ferdinand de Saussure. Na linguística, valoriza-se o estudo dos sinais, de onde floresce a semiótica. Este estudo interessa não apenas para a área de letras e literatura, mas para todas as ciências, profissões e cidadãos. Todos devemos conhecer e interpretar sinais, e desta competência decorre o maior ou menor sucesso de nossas ações.

Semiótica: do grego “sema” (“sinal”, de onde “se-máforo”, o “que porta sinal” ou sinaleira) + ótica (visão, percepção). Palavra correlata: semiologia, a lógica dos sinais. Semiótica, o estudo dos sinais. Não há por que temer esta palavra; pelo contrário, temos várias razões para adotá-la facilmente. Afinal, o mundo em que nos movemos é composto destes sinais, e nosso desafio é saber interpretá-los. Usem sem temor: semiótica, a lógica dos sinais.

“As aparências enganam”, é o dito popular, que quer alertar para não se julgar pelas aparências, com preconceitos, mas o paradoxo é que só podemos conhecer a partir das aparências. O primeiro estágio do conhecimento envolve a percepção; o que chamamos de “mundo” chega a nós através da percepção, ou seja, aparece e é percebido pelos sentidos. Então, ao contrário do que diz o provérbio, as aparências revelam. Cabe-nos saber como interpretar as aparências para chegar ao conhecimento e à ação.

Tudo o que Sherlock Holmes fazia era interpretar sinais, com enorme astúcia. As pistas de crimes e ações permitem ao detetive, e também ao policial, ao historiador e ao procurador, recompor ações passadas e tornar evidente (ou seja, visível) fatos relevantes. A arte de Sherlock Holmes é a semiótica: identificar e interpretar sinais. Igualmente, o médico, que deve examinar sintomas, ou seja, a forma com que uma dada moléstia aparece nos organismos, seus sinais. Hoje, os médicos não examinam apenas a superfície do corpo, mas também seu interior, com uso de diferentes recursos de medicina por imagens. Produzida a imagem tomográfica, ecográfica, de raios X ou qualquer outra, é preciso conhecimento técnico para saber identificar e interpretá-las, ou seja, os sinais. Igualmente, os astrônomos que sondam o universo e examinam, agora, a superfície de Marte; eles têm diante de si um universo de sinais, em uma linguagem distante do falar cotidiano, mas

sinais ainda a interpretar. A semiótica parece ser a metodologia mais universal das artes e das ciências.

O intelectual que inspira este fascículo é o linguista búlgaro Tzvetan Todorov, autoridade mundial no estudo de linguagens e sinais e conferencista do *Fronteiras do Pensamento*. Interessa-nos compreender como a sociedade, as artes e as ciências se compõem de sinais e de seus estudos. Interessa-nos que vocês estudantes da “Geração Z” tornem-se argutos intérpretes de sinais, capazes de perceber o sentido das coisas em diferentes tipos de aparências e sinalizações, da arte à linguagem da cidade, da tela dos computadores à medicina.



# PRODUÇÃO DE SENTIDO E ESTUDOS DA LINGUAGEM

A língua que falamos e escrevemos é tão natural, evidente e profundamente integrada ao nosso ser que muitas vezes deixamos de perceber que ela não é a única linguagem que somos capazes de produzir, criar, reproduzir, transformar e consumir.

## #Sigmund Freud (1856-1939)

Médico neurologista austríaco, fundador da Psicanálise, ciência que investiga a mente e o comportamento humano. Freud explorou a mente humana e apresentou ao mundo o inconsciente. Ficou conhecido como um dos maiores pensadores do século XX.

## #Ferdinand de Saussure (1857-1913)

Linguista suíço, fundador da Linguística moderna, o estudo científico da linguagem. Devido ao seu estudo sobre a língua e a fala, a Linguística adquiriu autonomia, objeto e método próprios. Para Saussure, a língua foi imposta ao indivíduo, enquanto a fala é um ato particular. A soma língua + fala resulta na linguagem.

Estar no mundo como indivíduos sociais que somos significa sermos mediados por uma rede plural de linguagens: leituras, formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos, imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes, objetos, sons, gestos, expressões, cheiro, tato, olhares. Somos uma espécie animal tão complexa quanto as linguagens que nos constituem como seres simbólicos.

Toda prática social tem significado. Assim, o termo *linguagem* é bastante abrangente: aplica-se aos sistemas aparentemente mais inumanos, como o código binário dos computadores, passando pela linguagem da natureza, o silêncio e até mesmo os sonhos, como ensinou **Freud**.

O século XX viu nascer duas das ciências que estudam a linguagem. Uma delas é a Linguística, ciência da linguagem verbal. A outra é a Semiótica ou

Semiologia, ciência que abrange toda e qualquer linguagem e dedica-se a entender como e por que, em uma determinada sociedade, alguma coisa – imagem, conjunto de palavras, gesto, objeto, comportamento – tem algum significado.

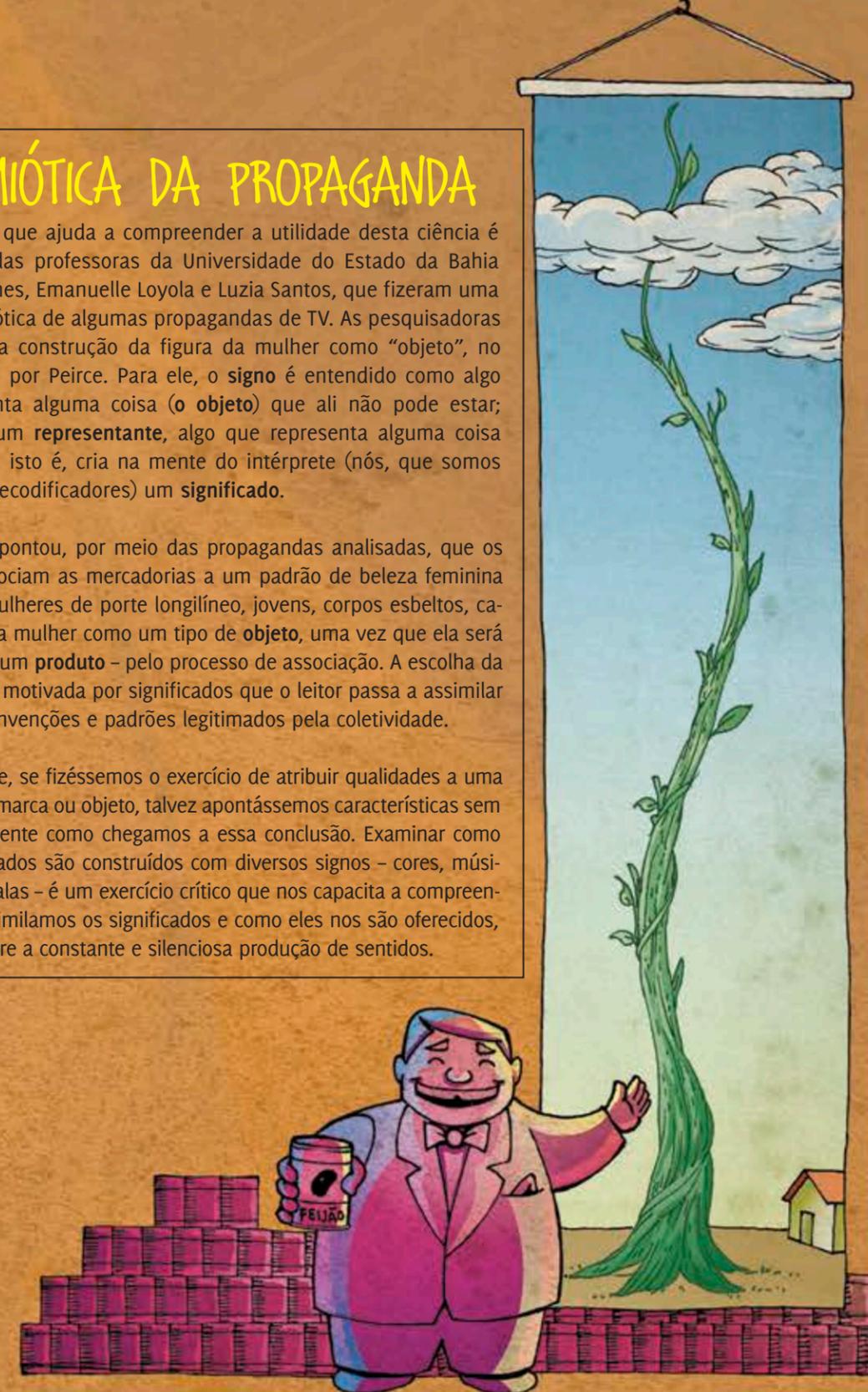
O estudo dos signos e dos símbolos e sua relação com as coisas que pretendem significar teve três sementes, lançadas quase simultaneamente. Na França, o linguista **Ferdinand de Saussure** desenvolveu a Semiologia, que estuda os signos no contexto da vida social (em grego, *semion* quer dizer *signo*). Na Dinamarca, **Louis Hjelmslev** estabeleceu um conjunto de princípios que serviria de base ao que se chamou, mais tarde, de **semiótica estruturalista**. Outra linha de pesquisa desenvolveu-se através das ideias do filósofo e lógico **Charles Sanders Peirce**, denominada **semiótica lógica ou pragmática**.

## A SEMIÓTICA DA PROPAGANDA

Um exemplo que ajuda a compreender a utilidade desta ciência é a pesquisa das professoras da Universidade do Estado da Bahia Emiliane Gomes, Emanuelle Loyola e Luzia Santos, que fizeram uma análise semiótica de algumas propagandas de TV. As pesquisadoras observaram a construção da figura da mulher como “objeto”, no sentido dado por Peirce. Para ele, o **signo** é entendido como algo que representa alguma coisa (o **objeto**) que ali não pode estar; portanto, é um **representante**, algo que representa alguma coisa para alguém, isto é, cria na mente do intérprete (nós, que somos receptores, decodificadores) um **significado**.

A pesquisa apontou, por meio das propagandas analisadas, que os anúncios associam as mercadorias a um padrão de beleza feminina específico: mulheres de porte longilíneo, jovens, corpos esbeltos, caracterizando a mulher como um tipo de **objeto**, uma vez que ela será combinada a um **produto** – pelo processo de associação. A escolha da mercadoria é motivada por significados que o leitor passa a assimilar como leis, convenções e padrões legitimados pela coletividade.

Provavelmente, se fizéssemos o exercício de atribuir qualidades a uma determinada marca ou objeto, talvez apontássemos características sem saber exatamente como chegamos a essa conclusão. Examinar como esses significados são construídos com diversos signos – cores, músicas, corpos, falas – é um exercício crítico que nos capacita a compreender como assimilamos os significados e como eles nos são oferecidos, refletindo sobre a constante e silenciosa produção de sentidos.



## #Louis Hjelmslev (1899-1965)

Linguista dinamarquês, criador da Glossemática, teoria da linguagem que afirma que a língua deve ser estudada separadamente, livre de considerações fisiológicas, sociais, literárias etc., analisando a língua como um sistema autônomo.

## #semiótica estruturalista

Estudo da Linguagem como ciência sistemática, em que a língua é vista como um sistema autônomo separado de seu contexto. O estruturalismo vê a linguagem como um conjunto de regras inerentes à língua, sendo que as variações ficam por conta das experiências individuais.

## #Charles Sanders Peirce (1839-1914)

Matemático e filósofo norte-americano, criador do pragmatismo, doutrina cuja tese fundamental é que a ideia que temos de um objeto qualquer é a soma das ideias de todos os efeitos imagináveis atribuídos por nós a esse objeto.

## #semiótica lógica ou pragmática

Campo da linguística que estuda a linguagem no contexto de seu uso na comunicação, analisando as expressões linguísticas em relação às intenções do falante, aliadas às suas crenças, à audiência e aos contextos. É a investigação do objetivo da mensagem.

O teórico Marshall McLuhan foi um dos principais  
parte de seus estudos às mudanças

meios de comunicação. Dedicou boa

se comunicavam oralmente.

## Olhos e ouvidos

A escrita operou uma transformação cultural:

## para entender

do tempo circular à invenção da história

## o mundo

ocasionadas pela criação e pelo uso dos diferentes  
escrita em culturas que, até então,

estudiosos das transformações culturais  
sociais desencadeadas pela

Segundo McLuhan, os meios e as tecnologias que criamos são extensões de um de nossos órgãos, provocando um desequilíbrio em relação aos outros sentidos. Nas sociedades anteriores ao alfabeto, o ouvido era o órgão dominante na orientação das pessoas. Até a invenção da escrita, o homem vivia no espaço acústico: ilimitado, sem direções ou horizontes, um mundo da emoção, guiado pela intuição primordial.

Imaginemos as nossas culturas antes do surgimento da escrita ou tantas outras culturas cujo meio de comunicação principal ainda é a oralidade: qualquer som repentino, vindo de qualquer parte, é escutado instantaneamente. O espaço auditivo tem capacidade de suscitar toda a gama de emoções nos seres humanos. De fato, o som é, às vezes, um evocador de imagens visuais mais eficaz que a própria visão. O som do ranger de uma porta que se fecha lentamente é muito mais assustador se apenas escutado do que se for acompanhado da imagem, porque a imagem visual que o som evoca vem da imaginação. Determinados sons ocasionam reações instantâneas, como acontece, por exemplo, ao ouvirmos a sirene de uma ambulância.

A escrita obrigou o homem a trocar o mundo mágico do ouvido pelo mundo neutro do olho. A história ocidental foi moldada durante três mil anos pelo alfabeto fonético, que depende apenas dos olhos para ser apreendido. O alfabeto é uma construção de peças e partes que, em si, não possuem nenhum significado semântico e que devem ser encadeadas em linha e em uma ordem prescrita. Seu uso criou e encorajou o hábito de perceber o mundo como um ambiente visual e espacial: um espaço e um tempo uniformes, contínuos e conexos. A linha tornou-se o princípio organizador da vida. O racionalismo depende da apresentação de fatos ou conceitos encadeados e sequenciais. A fragmentação das atividades, o hábito de pensar em partes e pedaços — as especializações — reflete o processo linear e gradual de departamentalização inerente à tecnologia do alfabeto, inclusive o pensamento histórico, a invenção da própria história e a ordem em que narramos nossas histórias.

Assim, a oralidade cria um espaço acústico e a escrita cria um espaço visual, mas estes, além de espaços, são culturas que organizam a vida e a sociabilidade. Sequencial, contínuo, conectado, homogêneo e estático, o espaço visual organiza o espaço e a experiência de forma sequencial e hierarquizada, conduzindo à ilusão de que há continuidade entre as coisas e que a história pode abranger todo o acontecido.

Os meios elétricos e eletrônicos introduzem um novo equilíbrio entre o acústico e o visual, expondo seus próprios desafios: uma nova experiência integradora apresentada pelo cinema, rádio, televisão e, mais recentemente, pela internet. A cultura eletrônica é marcada pela velocidade e pela integração sensorial, é o campo elétrico da simultaneidade que faz com que tudo esteja relacionado entre si. As tecnologias baseadas no vídeo, das quais derivariam o satélite, o computador e os bancos de dados, caracterizam-se por uma presença consciente em muitos lugares ao mesmo tempo. Essa é a natureza do novo ambiente em que vivemos: interativa e simultânea.

**#Marshall McLuhan (1911-1980):** filósofo e professor canadense, um dos principais teóricos da comunicação. Criador da frase “o meio é a mensagem”, teve papel fundamental para que pensássemos a comunicação humana além de seu conteúdo, mas também em sua forma e em como era transmitida. A mesma mensagem tem impacto diferente no público se dita pessoalmente, via televisão, sms, internet etc. Através de seus estudos, começamos a analisar a interferência dos meios de comunicação nas sensações humanas, ele coloca as tecnologias da informação como “extensões do homem”, e conclui que a forma com que a sociedade se comunica está diretamente relacionada à percepção da sociedade sobre ela mesma. **#alfabeto fonético:** código internacional por meio do qual se pode conhecer a pronúncia correta das palavras em qualquer idioma. Criado por professores norte-americanos e franceses em 1888, ele tem 107 letras e dezenas de símbolos que indicam o modo como uma sílaba deve ser pronunciada. Já reparou naquelas letras entre colchetes no dicionário? Estas letras são a palavra escrita no alfabeto fonético. Exemplos: casa [kaza], leite [leytxi]. **#racionalismo:** corrente filosófica surgida por volta do século XVII, a qual afirma que tudo que existe tem uma causa compreensível, mesmo que não possa ser demonstrada de fato, como a origem do universo. Privilegia a razão em detrimento da experiência do mundo sensível como via de acesso ao conhecimento.

# Geração Z: língua e leitura

A linguagem escrita/falada estabelece novas expressões a cada geração

**Msn para mulheres fala para Linda:** ei, menina isto eh um chat aberto num eh a redacaum du kulegio naum...

**Linda fala para Msn para mulheres:** como é? Não entendi essa língua em que você escreveu.

**Msn para mulheres fala para Linda:** hahahahha o q é isso? Vixe!!!! pq acentua tudo????? Vc vai aborrecer todo mundo relaxe ae, gata

**Linda fala para Msn para mulheres:** espere aí, rapaz, não vim aqui assassinar o português.

**Msn para mulheres fala para Linda:** veio matar o chat entaum eheheheh so pode ser prof vc... é gente d+ pra tc.... tu acha q t tp pra freskura?

O mundo é repleto de sentidos e significados. Entramos em contato com eles por meio das mais diversas práticas: corporais, linguísticas, materiais, simbólicas. No processo de interação com a realidade, parece que a palavra se tornou o elemento central: de fato, interagimos intensamente com a língua escrita e falada, que nos propicia expressar e apreender as coisas e, assim, conhecer e tornar-se sujeito. A língua escrita e falada não é uma realidade estática e sim uma multiplicidade viva que se reinventa conforme os diversos contextos.

O diálogo reproduzido acima, analisado pelo professor Júlio César Araújo, da Universidade Federal do Ceará, mostra o conflito entre dois usuários, possivelmente um deles iniciante no uso de um *chat* aberto e, por isso, ainda não conhecedor dos códigos e da linguagem que regem as práticas que ali acontecem, inclusive quanto ao uso da escrita. Essa escrita é o “internetês”, modo como alguns estudiosos vêm chamando a forma grafolinguística que apareceu nos gêneros digitais e redes sociais.

Esse português escrito na internet é caracterizado por simplificações de palavras que levam em consideração as modalidades falada e abreviada da língua, em

detrimento da escrita. Essa linguagem se adapta aos meios de comunicação. Quando a rapidez é necessária, como no caso dos *chats*, ou quando o espaço é limitado, como no Twitter ou SMS, as abreviaturas são mais utilizadas: vc (você), td (tudo), tb (também), blz (beleza) etc. Ocorre, ainda, a emulação da fala, como a utilização de “sh” para referir o sotaque carioca (coisash) e a incorporação de palavras estrangeiras (como o “trolar”, que vem dos monstros escandinavos “Trolls” e refere-se ao ato de incomodar alguém pela internet). À primeira vista, a reação de alguns teóricos é dizer que o internetês é um “assassinato” da língua. Para outros, é uma variação linguística que recria a língua e joga com símbolos e representações.

A imagem de degradação da escrita (e, por extensão, a da língua) pelo uso da tecnologia digital vem do pressuposto de que haveria uma modalidade de “escrita pura”, associada à norma culta ou ao estilo de autores literários consagrados. Considerar os usos da escrita digital como uma linguagem aberrante é confundir a língua portuguesa com as muitas maneiras de ortografá-la, todas ao alcance da capacidade criadora de sujeitos que protagonizam encontros reais e que devem saber os momentos adequados para usar (ou não) o internetês.

Jovens são os que mais leem no País

Pesquisas do mundo todo mostram que crianças e jovens que leem e têm contato com a literatura desde cedo são beneficiados nas suas capacidades de aprendizado, pronúncia e comunicação, desenvolvem a criatividade e a imaginação e adquirem cultura, conhecimentos e valores.

O estudo Retratos da Leitura no Brasil, pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro em todo o País, aponta que são os jovens os que mais leem. Identificou também que 50% da população pode ser considerada leitora, sendo o critério ter lido pelo menos um livro nos últimos três meses.

Segundo Karine Pansa, presidente do Instituto Pró-Livro, a principal razão para não ler é a falta de conhecimento do prazer da leitura.

Segundo o Ministério da Educação - MEC, a leitura traz os seguintes benefícios:

- desenvolve o repertório
- desenvolve o senso crítico
- amplia o conhecimento geral
- expande as referências e a capacidade de comunicação
- aumenta o vocabulário
- estimula a criatividade
- emociona e causa impacto
- facilita a escrita: quem lê mais escreve melhor

## Retratos da Leitura no Brasil

### OS JOVENS EM RELAÇÃO AO TOTAL DE LEITORES NO BRASIL (50%)

11 aos 13 anos	
leitores .....	10%
não leitores.....	2%
14 aos 17 anos	
leitores .....	11%
não leitores.....	5%

### LOCALIZAÇÃO DOS LEITORES

Zona rural.....	66%
Capitais .....	22%

### CLASSE SOCIAL

Classe A.....	3,6 livros nos últimos 3 meses
Classe B.....	2,75 livros nos últimos 3 meses
Classe C.....	1,79 livros nos últimos 3 meses
Classe D.....	0,99 livros nos últimos 3 meses
Classe E.....	0,99 livros nos últimos 3 meses

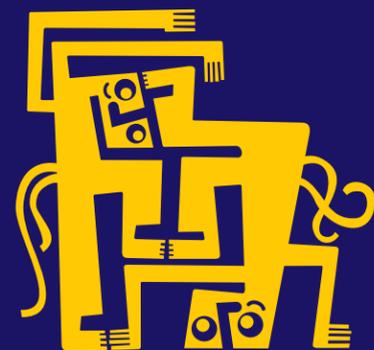
### MOTIVOS PARA NÃO LER

Falta de tempo .....	53%
Desinteresse .....	30%
Não tem bibliotecas perto de casa.....	6%
O livro é caro.....	4%



# A LINGUAGEM CORPORAL

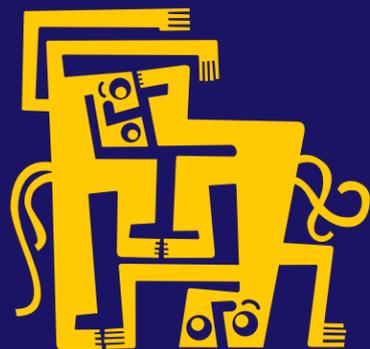
O corpo é uma ponte entre o ser humano e sua cultura



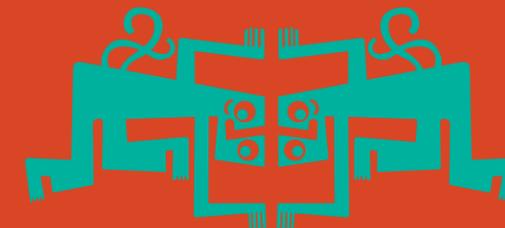
É possível pensar as práticas corporais como linguagens particulares que expressam e apreendem sentidos e significados. A dança, em sua origem, é ligada às necessidades vitais da pessoa e da coletividade, expressando seus mais diversos estados de espírito.

Ainda há muito o que se descobrir em relação aos movimentos corporais e sua capacidade de expressão, já que nem tudo é possível dizer e apreender por meio da linguagem escrita e falada. É impossível exprimir em palavras, por exemplo, uma música, uma imagem ou mesmo um simples gesto.

As práticas corporais são constituintes e construtoras da cultura. A expressão corporal é um saber que não pode ser alcançado pelo puro pensamento: é um saber orgânico, só possível de ser desenvolvido através de atividades corporais. O corpo é uma ponte entre o ser humano e sua cultura; é do ser humano assim como é da cultura, uma imagem que retrata a sociedade. Vamos tentar decifrar aqui uma linguagem corporal tipicamente brasileira: a **CAPOEIRA**.



## AO SOM DO BERIMBAU



A capoeira é uma linguagem corporal muito rica, culturalmente falando. Conforme estudo do professor Gilbert de Oliveira Santos, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, a capoeira surge como uma necessidade no cotidiano escravo. Ela coloca em seus movimentos a luta de emancipação do negro no **Brasil escravocrata** e expressa a “voz” do oprimido. A capoeira configurou-se como uma forma de identidade dos escravos, um recurso de afirmação pessoal e grupal na luta pela vida. O corpo insurgiu-se!

Dado o caráter inventivo e combativo da prática, não é simples definir o que pode e o que não pode num jogo de capoeira. Os gestos brincam com a noção de verdade, iludem com elegância, transitando entre o jogo, a dança e a luta.

Ainda que obrigados a trabalhar dezoito horas por dia, os cativos reuniam-se nas ruas e nos mercados e dançavam nas praças nos dias de festa religiosa. O que desenvolveram não era unicamente africano ou luso-brasileiro, mas uma mistura de costumes que aliviava o fardo da escravidão, transmitia tradi-

ções religiosas e contribuía para o desfrute de uma vida social. Jogar capoeira é disfarçar as intenções do corpo. Exprime dor e, ao mesmo tempo, resistência ao sofrimento.

O corpo na capoeira inverte uma lógica de colocar-se. Troca-se o alto pelo baixo, o ofensivo pelo defensivo, a frente pelo traseiro, as mãos pelos pés. Propõe ao corpo posições que em outras situações poderiam ser consideradas esquisitas, autorizando o sujeito a ridicularizar-se e contrapor-se às regras do primor corporal. Ao usar os pés, as mãos, a cabeça, o quadril, dando a eles outras funções além das esperadas, o capoeirista faz uso inédito do corpo. E é desse inédito que brota o riso, a alegria.

Capoeira é necessariamente relação: um corpo depende do outro, um corpo tenta conversar com o outro. No entanto, para que haja diálogo corporal, é necessário que se expresse algo que o outro entenda e que se compreenda o que o outro quer dizer. O diálogo corporal na capoeira ocorre, principalmente, pelo preenchimento do espaço vazio deixado pelo outro.

### #Brasil escravocrata

Portugal foi o primeiro país a usar o trabalho escravo. No começo do século XVI, a economia açucareira começou a ser implantada no Brasil, com amplo desenvolvimento, e recorreu-se ao trabalho escravo de negros capturados na África e de nativos das colônias. Os negros trazidos para o espaço colonial sofriam grandes abusos. A dura rotina de trabalho era geralmente marcada por longas jornadas e a realização de tarefas que exigiam grande esforço físico. Muitas vezes, o tempo de vida de um escravo não ultrapassava o prazo de uma década.



A contemporaneidade nos apresenta um número avassalador de imagens, em quantidade inigualável na história. Além das formas artísticas tradicionais, como pintura, gravura, desenho, escultura, arquitetura, artefato, desenho industrial, convivemos diariamente com outras visualidades, resultantes do avanço tecnológico e estético, como a fotografia, o cinema, as artes gráficas, a televisão, o vídeo, a computação e a performance. Chamamos de imagem todas essas visualidades e tantas outras que produzimos diariamente com celulares, câmeras fotográficas ou no computador, cortando, colando e compondo.

*Amo as imagens, mas elas me amedrontam. Imagens são entidades incontroláveis que frequentemente produzem associações que o autor não autorizou. Os conceitos, ao contrário, são bem comportados, pássaros engaiolados. As imagens são pássaros em voo... Daí seu fascínio e perigo.*

Rubem Alves

## IMAGENS POR TODOS OS LADOS

**Alberto Manguel**, no livro *Lendo Imagens*, defende que elas são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. São presenças vazias que completamos com o nosso desejo, nossa experiência, nossos questionamentos e remorsos. As imagens, assim como as histórias, informam e transmitem mensagens e, por isso, precisam de interpretação. Nem sempre a imagem comunica seu significado de forma direta, então sua leitura envolve o processo criativo: a interpretação do sentido, a invenção e a imaginação. Assim, para viver na sociedade contemporânea, é cada vez mais necessária a educação para ler imagens e ser capaz de perceber e interpretar seus sentimentos, ideias e qualidades.

Para **Vilém Flusser**, imagens são mensagens e superfícies, diferente da escrita, que são mensagens dispostas em linhas. Elas são um emissor e esperam um receptor, mas essa espera é uma questão de transporte, já que, na atualidade, as imagens não ficam fixas em um lugar aguardando visitantes: “as imagens se tornam cada vez mais transportáveis, e os receptores, cada vez mais imóveis”. Entretanto, para o autor, esse fato não se deve meramente às novas tecnologias, e sim a uma revolução cultural em que a informação chega ao espaço privado do receptor. Na contemporaneidade, as pessoas deixam-se alcançar pelas imagens das telas eletrônicas, seja na TV, em painéis eletrônicos pelas ruas, nos celulares, computadores, *tablets* e tantos outros dispositivos móveis ou fixos com os quais nos deparamos no cotidiano.

Essas imagens que “passam” pelo dia a dia não estariam programadas para um olhar crítico. Um exemplo disso é a TV. O modo como estão construídas as imagens televisivas se enuncia dividido entre espaços de programas e espaços de comerciais, embora essas fronteiras se embaralhem com a presença de anúncios dentro de um determinado programa, o *merchandising*.

Assim, somos de certa forma “programados” pelas imagens da TV: tendemos a sair da sua frente ou diminuir a atenção quando os intervalos aparecem, como se o sino da escola nos liberasse para ir ao pátio. Desse modo, a televisão produz sentido aos seus espaços/tempos e aos espaços/tempos de quem a assiste.

Contudo, para o autor, as imagens digitais apresentam indícios de mudança em relação ao transporte: elas são mais semelhantes à rede telefônica que à rede televisiva, por permitirem a intervenção de quem recebe as mensagens. O receptor das imagens feitas por computador pode recebê-las, reprocessá-las e reemitir-las, ou seja, sua natureza contém a possibilidade de uma nova relação com a imaginação. Para Flusser, as novas imagens são criadas para que se busque, entre as possibilidades dadas, o inesperado, que faz com que a posição de “espectador” se torne obsoleta e possamos sair da programação na qual as imagens nos mantêm reféns.

### #Alberto Manguel (1948)

Escritor, tradutor e editor argentino, hoje cidadão canadense. Em sua juventude, entre 1964 e 1968, leu em voz alta para o escritor Jorge Luis Borges, então acometido por uma cegueira progressiva. Autor e organizador de livros de ficção e não ficção, entre eles o *Dicionário de lugares imaginários*. É reconhecido internacionalmente por sua atuação nas áreas da literatura, arte e história.

### #Vilém Flusser (1920-1991)

Filósofo tcheco naturalizado brasileiro. Durante a Segunda Guerra Mundial, fugindo do nazismo, mudou-se para São Paulo, onde atuou por cerca de 20 anos como professor de filosofia, jornalista e escritor.

Projeto criado em 2011 para tornar obras de arte mais acessíveis ao grande público, o *Google Art* chegou ao Brasil em abril de 2012. Similar ao *Google Street View* (serviço de visualização de ruas), no *Google Art* uma equipe vai a um museu ou espaço de arte, fotografa em altíssima resolução e reconstrói o espaço para torná-lo navegável no *site*, sendo possível “passear” pelo local a partir da tela.

O projeto já passou por mais de 40 países e disponibiliza em seu acervo mais de 30 mil obras de arte. No Brasil, foram digitalizadas cerca de 200 obras de artistas brasileiros.

# A arte como expressão humana

## das cavernas à net.art



Pintura rupestre do Período Paleolítico Superior, caverna de Les Trois-Frères, Europa (aproximadamente 13.000 a.C.)



Arte rupestre no Brasil, Serra da Capivara, Piauí (aproximadamente 10.000 a.C.)



A primavera, Sandro Botticelli (1477-1490)

Quando pensamos em obra de arte, geralmente nos vem à mente *Mona Lisa* numa bela moldura ou alguma estátua grega de mármore, mas isso está longe de ser a realidade atualmente. Exemplo disso é uma das obras escolhidas pelo *Google Art*, da dupla de irmãos artistas Os Gêmeos. Qual a arte dos Gêmeos? O grafite.

Formados em desenho, os dois irmãos paulistanos são considerados influência mundial, sendo vistos não apenas nas ruas, mas também em importantes museus, como o Tate Modern em Londres e o Museu Coleção Berardo em Lisboa. Esse movimento confirmou o grafite como arte não apenas para jovens ou camadas mais populares, mas como arte feita pela sociedade para toda a sociedade.



Deposição de Cristo, Raffaello Sanzio (1507)

O grafite surgiu em Nova York, em meados de 1970, como forma de denunciar a opressão do homem frente às injustiças sociais e mostrar a realidade das ruas. Estilo de pintura polêmico que utiliza *spray* e estêncil em vez de pincel, ainda é visto com certa restrição, sendo ora considerado arte, ora vandalismo. Atualmente, já existe distinção entre grafite e **pichação**.

Outra obra brasileira no *Google Art* é *Saudade*, do paulistano **José Ferraz de Almeida Júnior**, representante do **movimento realista**, da segunda metade do século XIX. Mesmo que de tempos e traços bastante diferentes e que pareça estranho juntar grafite e realismo num mesmo “museu”, ambas as expressões têm uma característica comum importante: a crítica social.

### #pichação

Manifestação da rivalidade entre grupos que demarcam o território pichando assinaturas e frases em locais de difícil acesso por sua altura ou grau de vigilância.

### #José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899)

Pintor brasileiro, considerado um dos pais da arte regionalista, introduziu em suas obras assuntos até então inéditos na produção artística brasileira: personagens simples e anônimos, o homem do povo em seu cotidiano. Em sua homenagem, o dia do Artista Plástico Brasileiro é comemorado em 8 de maio, dia do seu nascimento.

### #movimento realista

Escola artística de forte caráter ideológico, marcada por uma linguagem política e de denúncia dos problemas sociais como miséria, pobreza, exploração e corrupção em reação ao subjetivismo do romantismo até então vigente na arte.



A tempestade, Giorgione (1505)



Nenúfares, Claude Monet (1904)



A persistência da memória, Salvador Dalí (1931)



Aula de anatomia, Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1632)



As meninas ou A família de Filipe IV, Diego Velázquez (1656)



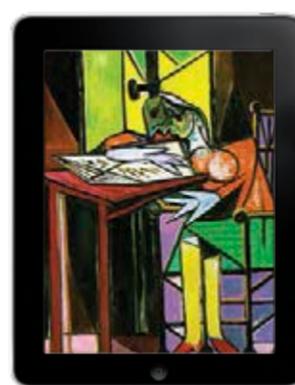
Saudade, José Ferraz de Almeida Júnior (1899)



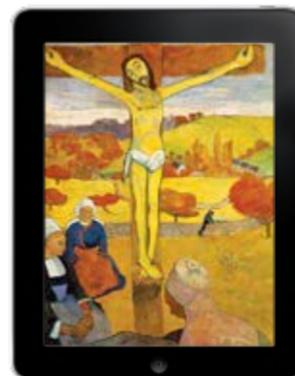
Cristo carregando a cruz, El Greco (1580)



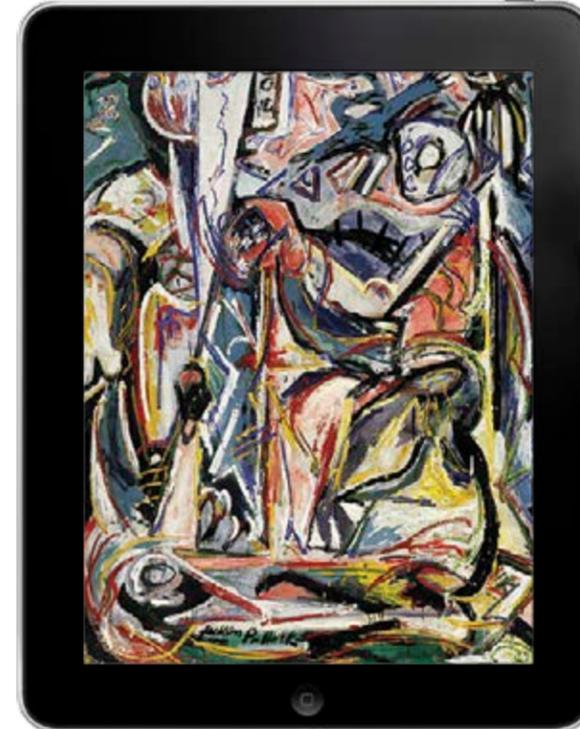
Mona Lisa, Leonardo da Vinci (1503)



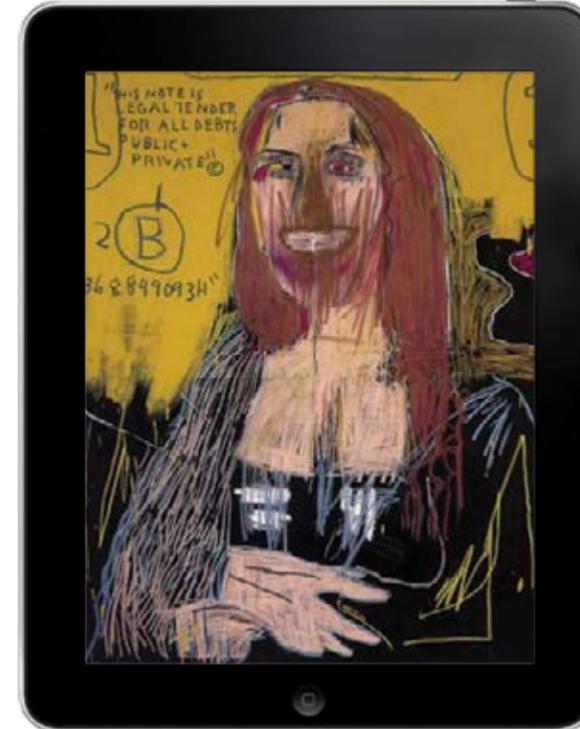
Mulher lendo e ouvindo outra coisa, Pablo Picasso (1935)



O Cristo amarelo, Paul Gauguin (1889)



Circuncisão, Jackson Pollock (1946)



Mona Lisa, Jean-Michel Basquiat (1983)

#net.art  
Enquanto um site direcionado à arte simplesmente lista obras e as mostra, a net.art busca estabelecer relações com a sensibilidade do internauta, enriquecendo a navegação. Um site de net.art disponibiliza um canal de experiências visuais, sonoras e temporais, priorizando a interação com o visitante.

Essa aproximação de estilos tão diferentes em um mesmo “espaço” foi potencializada a partir da década de 1990, com a internet. Grandes acervos passaram a coexistir, sendo colocados ao alcance de todos em diferentes sites. A divulgação do material, antes restrito a mostras e locais específicos do mundo, fez tanto sucesso que potencializou um movimento: a net.art. Obras passaram a ser feitas única e exclusivamente para a internet. Quem nunca alterou uma imagem para postá-la nas mídias sociais ou uniu som, foto e texto para tentar gerar mais impacto no leitor? Digamos que isso é uma forma bem simples de net.art.

O grafite ampliou o espírito da arte, mostrando que ela também pode ser feita para a sociedade

e mostrada no espaço urbano. A internet segue esse comportamento: amplia ainda mais o acesso e coloca culturas e ruas de qualquer lugar e tempo na sua frente. Por outro lado, a interatividade da web também manifesta-se nas ruas, com o ressurgimento de outra importante expressão artística, a intervenção.

Misturando diversas linguagens, podemos considerar intervenção desde uma peça de teatro encenada na rua até oficinas e debates. Tudo que gere reações coletivas do espectador e que utilize elementos já existentes no espaço: prédios para projetar filmes, estátuas para colorir ou grafitar, rua para manifestações etc. A intervenção é, digamos, o lado “real” da interatividade proposta pela

internet. Artistas somam ideias e valores e trocam sensações em tempo real com o público.

A intervenção também se tornou conhecida na década de 1970. Se pararmos pra pensar, todas as formas de arte citadas aqui têm raízes no passado. Reunir a comunidade ao ar livre para ver uma peça de teatro consolidou-se como prática no século VI a.C., na Grécia Antiga. Quebrar padrões culturais com críticas artísticas surgiu no fim do século XIX, grafitar ou pintar o espaço comum à comunidade, grosso modo, também pode ser comparado às pinturas rupestres, a mais antiga representação artística conhecida, datada de 40.000 a.C. São pinturas feitas pelos homens pré-históricos nas paredes das cavernas, utilizando os desenhos como comunica-

ção. Retravam cenas do cotidiano, como a caça, animais, descobertas, plantas, rituais, utilizando elementos da natureza no trabalho: extrato retirado de plantas, árvores e frutos, sangue de animais, carvão, rochas...

É incrível como a arte pode nos mostrar comportamentos similares através dos tempos mais distantes. Mais incrível ainda é como um projeto digital no estilo do Google Art possa reunir da Tumba de Perneb – do antigo Egito, com quase 4.500 anos de existência – até o grafite dos Gêmeos, contemporâneo. As atuais ferramentas de comunicação conseguem trazer a rua para dentro da tela e motivar a arte na rua; além de agrupar, num mesmo site, milênios de história da humanidade.

#intervenção  
Tipo de manifestação artística no espaço urbano que mistura obra de arte (objeto) e performance (evento) e tem como objetivo gerar alguma transformação ou reação, no plano físico, intelectual ou sensível.

*“A beleza salvará o mundo. A frase de Dostoiévski nunca foi tão atual. Pois é justamente quando tantas coisas vão mal em torno de nós que é necessário falar da beleza do planeta e do humano que o habita.”*

Tzvetan Todorov



#### #Fiódor Dostoiévski (1821-1881)

Escritor russo, considerado um dos maiores romancistas da literatura e um dos mais inovadores artistas de todos os tempos. Suas obras exploram a psicologia humana na opressiva sociedade russa do século XIX. Seu último romance, *Os Irmãos Karamázov*, foi considerado por Sigmund Freud como o melhor romance já escrito.

#### #Hans Holbein, o jovem (1497/98-1543)

Pintor alemão, um dos mestres do retrato no Renascimento. Filho de Hans Holbein, o velho, também pintor e pioneiro na passagem alemã para o Renascimento.

“A beleza salvará o mundo” é uma frase do escritor russo **Dostoiévski** que aparece no livro *O idiota*. A afirmativa acontece no contexto de uma discussão acerca do belo e do que o representa. Uma personagem se percebe alvo do poder da beleza de uma obra de arte, provavelmente *Cristo Morto* (1521), do pintor alemão **Hans Holbein**:

*“Atingi esse estado de emoção que permite as sensações celestes, essas que só as belas-artes e os sentimentos apaixonados podem dar. Ao sair da catedral, o coração batia-me com muita força e senti-me esvaír, tive medo de cair no chão. Tive de me sentar num dos bancos da Praça (...) Precisava da voz de um amigo que partilhasse a minha emoção.”*

Mas o que é o belo? Podemos definir a beleza ou o que nos causa contentamento? Será o belo aquilo que causa maravilha? Ou será dúvida? Quem sabe estranhamento, conforto ou incômodo? Para alguns pensadores, a ideia do belo ou da beleza está associada à plenitude, uma noção de absoluto.

De toda forma, ainda resta a inquietação:

É possível uma ideia, um sentimento, uma obra de arte ou um símbolo da expressão humana salvar o mundo?

O que é belo não foi nem é sempre a mesma coisa. Em tempos passados, os ideais de beleza estavam diretamente ligados ao sagrado.

Para os gregos, o belo estava conectado aos princípios formais de simetria. Na Idade Média, o belo era medido pela devoção a Cristo. Durante o **Renascimento**, o belo retomou ideais greco-romanos, traduzidos na habilidade e na perfeição das obras artísticas, como pinturas, esculturas e arquitetura.

Para alguns autores, como o linguista e historiador **Tzvetan Todorov**, momentos de plenitude ou de assombro podem nos dar a ideia do absoluto, da beleza total e abstrata. Todorov acredita que alguns artistas buscam esse absoluto, a beleza abstrata como expressão máxima da vida. No livro *A beleza salvará o mundo*, ele estuda as obras de três autores que, em suas palavras, eram “aventureiros do absoluto”, ou seja, se aventuraram, cada um à sua maneira, na vida e na arte, na busca dessa beleza, a fim de tocarem profundamente as pessoas ou a si próprios. São eles:

**Oscar Wilde** (1854-1900): autor irlandês que escreveu peças de teatro, como *A importância de ser Ernesto* e o romance *O retrato de Dorian Gray*. Teve uma vida pessoal atribulada e chegou a ser preso por ser homossexual. Defendia o princípio de que a vida é uma obra de arte e que cada um de nós deveria se ocupar dela como tal.

**Rainer Maria Rilke** (1875-1926): poeta de língua alemã nascido em Praga, tinha uma poesia intimista que tentava ligar o homem ao universo, como um “espaço cósmico interior”.

**Marina Tsvetaeva** (1892-1941): poeta russa exilada que viveu a Revolução Soviética e as duas Guerras Mundiais. Era grande leitora de Rilke e escrevia sobre a existência, a arte, os poetas e seu papel como tradutores da beleza de Deus.

Todorov, ao analisar a vida dos três escritores e ver neles exemplos da busca pela beleza e pelo absoluto, diz que:

*“Poder-se-ia dizer que viver a arte de viver é uma arte entre outras e que se pode perfazer a vida como uma obra de arte. Mais uma vez, é preciso que se previna contra os mal-entendidos. É verdade que a arte é percebida como o local por excelência em que os seres humanos produzem o belo. Para muitos de nós, a plenitude que procuramos se encontra – notadamente – na experiência artística. ‘A arte é a continuação do sagrado por outros meios.’”*

Ora, quando assistimos a um filme ou ouvimos uma música que nos comove, que mexe conosco, não é assim que nos sentimos? Todos nós, de alguma maneira, buscamos a beleza na vida. Para o autor, o sublime deve ser extraído de nosso cotidiano, porque não existe a possibilidade de experienciar o belo e o absoluto permanentemente: “Sabemos bem que não podemos viver permanentemente nesse estado de realização e de plenitude do ser, que se trata mais de um horizonte do que de um território; sem ele, todavia, a vida não tem o mesmo valor”.

Ou seja, mesmo não sendo possível experimentar essa sensação de êxtase permanentemente, é ela que confere sentido à vida. É uma espécie de busca, em que as experiências podem ser múltiplas e altamente pessoais. E você, já pensou no que é belo?

# Belezas que salvam o mundo

#### #Renascimento

Período da história da Europa, aproximadamente entre o fim do século XIII e meados do século XVII, marcado por transformações na cultura, sociedade, economia, política e religião, ligadas à redescoberta e à revalorização dos ideais humanistas e naturalistas. O pensamento renascentista coloca o indivíduo mais próximo de Deus, característica representada, na arte, na reprodução de situações do cotidiano e na rigorosa reprodução dos traços e formas humanas.

#### #Tzvetan Todorov (1939)

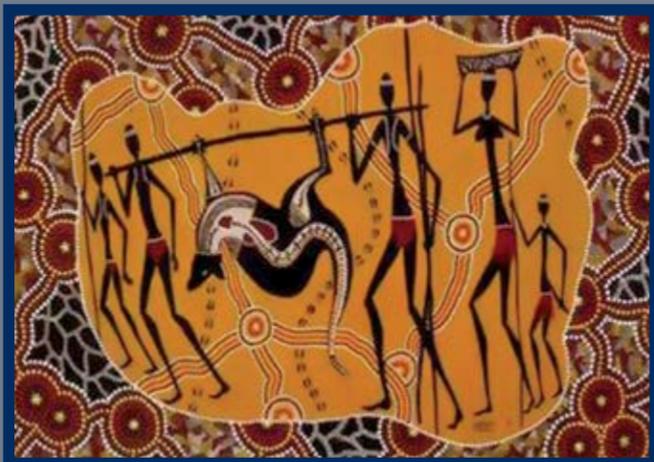
Filósofo e linguista búlgaro radicado na França, estudioso da linguagem, é mundialmente reconhecido por seus textos sobre literatura e história. Seus mais de 20 livros versam sobre temas diversos, como a conquista da América, a felicidade, campos nazistas e a busca pela beleza. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2012.

# A arte como expressão

A arte foi a maneira mais original que o homem encontrou de se expressar, de se comunicar, de criar símbolos. Isso é parte importante daquilo que nos torna humanos e nos diferencia dos outros animais. Desde que articula ideias, o homem, já nas cavernas, manifestava seus sinais, desejos, medos, sua conexão com o mundo.

O que era visto como menor ou primitivo há tempos hoje é valorizado e tido como expressão genuína. As artes dos mais diversos povos, ao longo dos milênios, nos trouxe ao nível de simbolização em que nos encontramos hoje: o homem só pôde chegar ao nível de complexidade a que chegou porque foi articulando, de diversas formas e expressões, as suas ideias e percepções de mundo.

## Arte aborígene



A chamada cultura “aborígene” diz respeito àquela produzida por povos originários do continente australiano. É considerada, assim como a arte africana, uma arte primitiva, por ter um cunho mais figurativo, sem maior intenção simbólica. Isso não reduz sua beleza, que, rica em grafismos, reproduz cenas de caçada, do cotidiano ou figuras geométricas abstratas, com círculos concêntricos e muitos pontos, serpentes, peixes e outros animais, sempre muito coloridos.

Outra característica de povos dessa região é o uso de tatuagens. Entre os *maori*, habitantes das ilhas que hoje compõem a Nova Zelândia, as marcas feitas na face funcionam como uma carteira de identidade ou uma espécie de código de barras, através das quais se tem acesso a informações sobre a pessoa que as carrega.



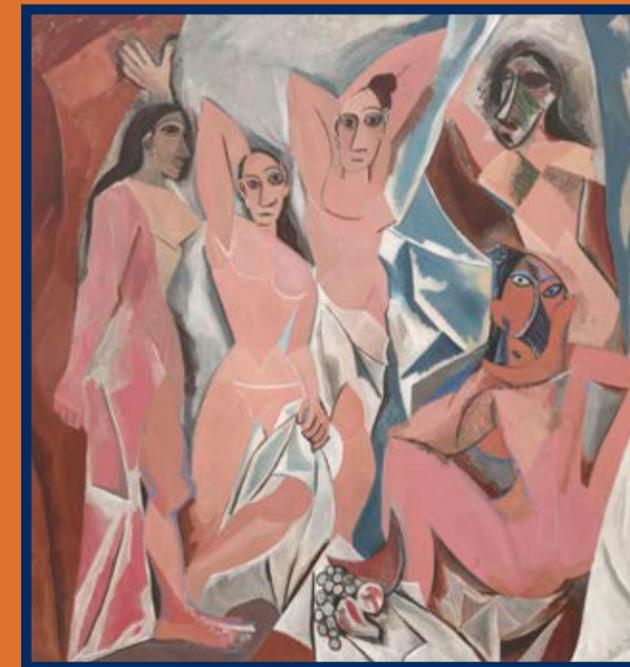
## Arte africana

A arte africana compreende a produção da parte subsaariana do continente – ao sul do deserto do Saara, excetuando-se territórios que hoje constituem o Egito, o Líbano, o Marrocos e a Tunísia, por exemplo, localizados ao norte.

Durante muito tempo se considerou esse tipo de arte como “primitiva” ou “selvagem”, com menos conteúdo simbólico se comparada com a arte ocidental, por exemplo. O fato é que a arte africana, de maneira geral, tem um caráter funcional, ou seja, cada peça refere-se a uma utilidade específica, sendo muitas voltadas a uma esfera ritual, como a confecção de máscaras. Além disso, esse tipo de arte passa também pela representação de valores éticos e morais dos povos que as confeccionavam.

Os povos africanos também desenvolveram a pintura, mas sua principal expressão foi a escultura em ouro, marfim ou bronze, com a figura humana como tema. O aspecto ritual passa pela ideia de “comunicação” com o mundo intangível, dos espíritos. As máscaras seriam um “disfarce” para chegar à esfera de um outro mundo.

O artista **Pablo Picasso** teve diversas fases ao longo de sua carreira, mas uma das mais conhecidas é a chamada “fase negra” (1906-1907), em que se inspirou nas máscaras africanas e na força de uma arte que ainda não havia sido tão mediada com a ocidental, a fim de criar uma ligação mais direta com o espectador. Um dos resultados dessa pesquisa é um de seus quadros mais famosos: *Les demoiselles d'Avignon* (*As senhoritas de Avignon*, 1907), considerado um divisor de águas na história da arte.



### #Pablo Picasso (1881-1973)

Pintor, escultor, desenhista e poeta espanhol, conhecido como um dos mestres da arte do século XX. Cofundador do Cubismo, movimento artístico que tratava as formas da natureza por meio de figuras geométricas, Picasso é considerado um dos artistas mais famosos e versáteis de todo o mundo.

## Arte na Pérsia



A arte persa, ao contrário das artes anteriormente referidas, é composta por um conjunto maior de estilos e materiais. Existente desde o século VI a.C., passou pela influência dos povos mediterrânicos para se constituir. Uma das variações mais surpreendentes dessa arte é a arquitetura, com verdadeiros palácios esculpidos em argila, com portais decorados com esfinges aladas.

A arte persa, desenvolvida por povos que hoje se situam no território do Irã, também conta com frisos e altos-relevos, a maioria deles com referências a cenas de batalhas e de soldados, como o famoso *Friso dos arqueiros*, que hoje está exposto no Museu do Louvre.

## Arte na Índia

As artes na Índia têm uma característica comum ao longo do tempo: o cunho sagrado em oposição ao profano. Dedicada aos deuses de seu panteão – Ganesh, o deus elefante, ou Shiva, o deus da destruição e da transformação – ou a figuras da sua história, a arte indiana existe desde o terceiro milênio antes de Cristo, tendo recebido muitas influências, entre elas a islâmica. A arquitetura tem grande destaque, como o Taj Mahal, erguido no século XVII, em Agra, numa homenagem do imperador Shah Jahan à sua esposa morta.

A pintura indiana também se desenvolveu, assim como a escultura, em escolas como a *gandhara* e a *mathura*, dois estilos anteriores à era Cristã.

Com a entrada da civilização ocidental, no final do século XV, a arte indiana perdeu impulso e cedeu terreno às influências europeias.



## Arte no Japão

A arte japonesa se caracteriza principalmente pelas gravuras produzidas no período Edo (1603-1868), representada através de cores fortes e uma grande intensidade figurativa.

Um item bastante próprio da arte japonesa é o teatro *Kabuki*, que existe desde o século XVII e desafia os atores em habilidades como o canto e a dança, além da maquiagem extremamente rebuscada.



Existe também o *oshie*, uma técnica que utiliza pequenos recortes de tecidos – ou, contemporaneamente, de papel – para montar figuras.

Um exemplo de gravura em madeira que retrata a história japonesa é *A grande onda de Kanagawa*, de Hokusai (1760-1849). Hoje, a xilogravura de 1830 ou 1831 pode ser interpretada como o retrato de um *tsunami*. A arte japonesa influenciou importantes artistas, como Edgar Degas e o holandês Van Gogh.

### #Edgar Degas (1834-1917)

Pintor e escultor francês reconhecido pelas suas pinturas majoritariamente impressionistas. Interessado pelas cenas do cotidiano parisiense, pintou espetáculos em circos, balés, cafés, ruas e lares. Tinha fascínio pelo trabalho diário das mulheres do povo, a intimidade das figuras femininas no banho e a decadência da sociedade.

### #Vincent Van Gogh (1853-1890)

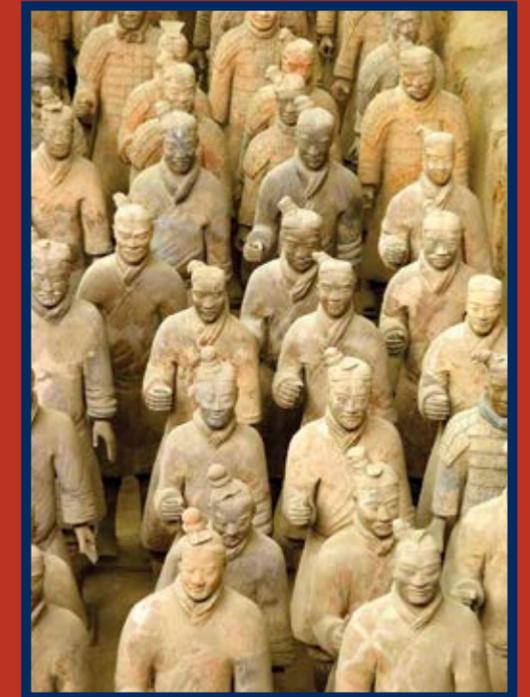
Pintor pós-impressionista holandês, considerado um dos maiores de todos os tempos. Sua vida foi marcada por fracassos: incapacidade de constituir família, custear a própria subsistência ou mesmo manter contatos sociais. Aos 37 anos, sucumbiu a uma doença mental, cometendo suicídio.

## Arte na China

A China é considerada o país que tem a mais longa tradição cultural da história da humanidade, remontando a mais de três mil anos. A arte chinesa é riquíssima, contando com pinturas em seda ou em papel de arroz, retratando paisagens do seu território e temas como o equilíbrio e a harmonia do universo, itens fundamentais de sua cultura. Tiveram enorme desenvolvimento também a arquitetura, a escultura, a caligrafia e a cerâmica. Esta última é muito valorizada até hoje, tendo seu período áureo durante a Dinastia Ming (1368-1644).

A escultura chinesa tornou-se mundialmente famosa com a descoberta dos *soldados de terracota*, um verdadeiro exército de guerreiros esculpidos em barro, em tamanho natural.

Outra referência são os pagodes, construções com o pé direito extremamente alto, em função das técnicas milenares de arquitetura desenvolvidas pelos chineses. Estas podem ser apreciadas, inclusive, na Grande Muralha.



# Linguagem e cultura do software

No início da década de 1990, as maiores marcas globais eram as empresas que produziam bens materiais ou processavam matéria física. Hoje, porém, a lista de marcas globais mais reconhecidas é encabeçada por nomes como Google, Yahoo e Microsoft.

As empresas que lidam com produtos físicos e energia aparecem na segunda parte da lista: General Electric, General Motors, Ford. Depois, aparecem duas companhias de TI que fornecem *hardware*: a Intel faz chips de computador, enquanto a Cisco faz equipamentos para redes. As duas empresas no topo são Google e Apple: a primeira atua no ramo da informação, enquanto a segunda faz equipamentos eletrônicos de consumo: *tablets*, *laptops*, *desktops*, *music players*, etc.

Esses dados são trazidos pelo teórico russo [Lev Manovich](#) para chamar a atenção sobre uma questão pouco observada: o que essas companhias fazem, na verdade, é *software*. Máquinas de busca, sistemas de recomendação, aplicativos de mapeamento, ferramentas para *blogs*, sistemas de mensagem instantânea e, é claro, plataformas que permitem que outros escrevam novos *softwares* – Windows, Unix, Android – estão no centro da economia global, da cultura, da vida social e, cada vez mais, das políticas globais.

*Softwares* controlam mísseis inteligentes na guerra, ajustando seu curso durante o voo. Administram os estoques e linhas de produção das empresas, permitindo que elas reúnam e despachem objetos materiais ao redor do mundo, quase instantaneamente. O *software* permite que as lojas e os supermercados reabasteçam suas prateleiras com agilidade, assim como determinam automaticamente quais artigos devem entrar em liquidação, por quanto tempo, quando e em qual lugar da loja. *Software* é o que organiza a internet, encaminha mensagens de *e-mail*, organiza servidores, dirige o tráfego na rede, atribui endereços de IP e apresenta as páginas da *web* em um *browser*. A escola e o hospital, a base militar e o laboratório científico, o aeroporto e a cidade – todos os sistemas sociais, econômicos e culturais da sociedade moderna – são acionados via *software*. O *software* é a cola invisível que une tudo e todos.

Manovich lembra que a eletricidade e o motor a combustão tornaram possível a sociedade industrial. De modo parecido, o *software* sustenta a sociedade da informação global. É ele também que move o processo de globalização, permitindo que as companhias distribuam módulos administrativos, instalações de produção, canais de estocagem e consumo ao redor do mundo. Os *softwares* que usamos diariamente, como editores de texto, planilhas ou *games*, nos influenciam tanto quanto livros, filmes ou exposições aos quais temos acesso. O Photoshop, *software* de edição de imagens, produz operações culturais antes impensadas, relações novas que movimentos como o [surrealismo](#) tentaram produzir, tematizando aproximações entre a arte e elementos da vida cotidiana, por exemplo.

Manovich entende o *software* como uma camada que permeia todas as áreas das sociedades contemporâneas. Portanto, se quisermos entender as técnicas contemporâneas de controle, comunicação, representação, simulação, análise, tomada de decisões, nossa análise não será completa se não considerarmos o *software*.

## #surrealismo

Movimento artístico nascido em Paris, na década de 1920, fortemente influenciado pelas teorias psicanalíticas de Sigmund Freud. O surrealismo enfatiza o papel do inconsciente na atividade criativa e surge como oposição ao excesso de razão e ao modo de vida automatizado.

## #Lev Manovich (1960)

Crítico literário e professor russo. Atualmente, atua como pesquisador na área de novas mídias, mídias digitais, *design* e estudos do *software* nos Estados Unidos.

# PERFIL E NOVAS LÍNGUAGENS DO SELF

## #self

Conceito da psicologia que define a pessoa na sua individualidade e subjetividade, isso é, a sua essência, a unidade e a totalidade do sujeito. O termo "self", em português, pode ser traduzido por "si" ou por "eu", mas a tradução portuguesa é pouco usada pelos especialistas.

Nem todo mundo tem voz nas mídias sociais ou na *web* em geral. Ser visto ou ouvido é uma grande disputa no Twitter, YouTube, Facebook, Google etc. E não é à toa a linguagem exagerada dos jovens: essa é a maneira com que a estrutura da comunicação tem moldado o conteúdo. Na pilha do *feed*, quem chamar a atenção ganha. O número de "curtidas" e de compartilhamentos é definido pela forma como o conteúdo se apresenta e não pelo conteúdo em si. Quanto mais rápido, mais imagético, mais veloz e impactante, maior a chance do *post* ser lido. Quanto mais lido for, mais curtido será. Quanto mais curtido for, mais aparecerá para outras pessoas.

Historicamente falando, isso era previsto, é como se, após décadas da chamada **comunicação de massa**, o público enfim gritasse: agora é nossa vez. E agora é, de fato, nossa vez. Somos importantes nas mídias, e o **feedback** do leitor é monitorado 24 horas por dia pelas maiores empresas de *marketing*. Quais causas você apoia? Quais páginas curte? Quais seus comentários sobre nossa marca? Esse conjunto de opiniões do público é essencial nas novas mídias, porque cria laços entre as pessoas. Se meus amigos curtem algo, curtirei também. Teremos algo importante em comum. Esse é o objetivo maior das empresas atuais, o laço com o cliente. As mídias sociais potencializam esse fenômeno.

## #comunicação de massa

Disseminação de informações através de jornais, televisão, rádios, cinema, partindo de um único emissor. É uma comunicação de um para muitos, em que os muitos capturam a mensagem sem possibilidade de resposta direta e simultânea.

## #feedback

É o processo de fornecer respostas para uma empresa ou pessoa melhorar seu desempenho no sentido de atingir seus objetivos. Por exemplo, quando o cliente testa algum produto novo e diz o que achou para que a marca saiba sua aceitação no mercado.

# INDIVÍDUOS E COMUNIDADES

## #Zygmunt Bauman (1925)

Filósofo e sociólogo polonês, conhecido mundialmente por seu conceito de *modernidade líquida* – em que as ideias de liberdade, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade estão propensas a mudar com rapidez e de forma imprevisível.

Por que é tão bom se engajar, por que os laços estão se expandindo cada vez mais? Porque o indivíduo precisa da comunidade ou do grupo para sentir-se parte de algo. A ideia de que indivíduo é aquele que se basta sozinho é engraçada. O indivíduo sempre precisou da comunidade para se encontrar, do laço da comunidade para se legitimar. Mas essa comunidade não existe mais. É o que diz **Zygmunt Bauman**. Para ele, o que muda da comunidade para a rede (*web*) é que, agora, não se nasce dentro de um grupo social que nos forma enquanto indivíduos. EU preciso ir atrás do que quero ser e EU preciso ir atrás da minha comunidade. Não é à toa que pulamos de grupo em grupo diariamente, de acordo com nosso humor ou gosto. Nossa permanência em cada grupo pode estar cada vez mais rápida, mas participamos desses grupos com a mesma entrega da boa e velha comunidade. A banda que eu e meus amigos ouvimos é de extrema importância, assim como os locais que frequentamos, as roupas que vestimos. Por isso, as

comunidades no Orkut fizeram tanto sucesso e as páginas e os grupos no Facebook crescem. É um “ponto de encontro” global. Assim, seguimos dependentes uns dos outros e com maior intensidade, pois existe cada vez mais informação e é cada vez mais difícil ativar o sentido de comunidade.

Mesmo assim, de acordo com Bauman, não é a fácil adição de amigos que caracteriza a rede, mas, sim, a fácil exclusão. Se é tudo tão importante, se minha banda favorita me define, é exatamente o que me liga com o mundo, como posso aceitar uma crítica a isso? As coisas que curtimos não são meros gostos: são, atualmente, tudo que nos forma. Um ataque ao meu gosto é um ataque a mim. E já entendemos que existem várias pessoas no mundo que curtem as mesmas coisas. Portanto, conclui Bauman, fica fácil excluir alguém que discorda de mim e adicionar outra pessoa amanhã.

*“Romper relações é sempre um evento muito traumático. Você tem que encontrar desculpas, você tem que explicar, você tem que mentir com frequência e, mesmo assim, você não se sente seguro porque seu parceiro diz que você não tem direitos, que você é um porco etc. É difícil. Na internet é tão fácil, você só pressiona delete e pronto. Em vez de 500 amigos, você terá 499, mas isso será apenas temporário, porque amanhã você terá outros 500, e isso mina os laços humanos.*

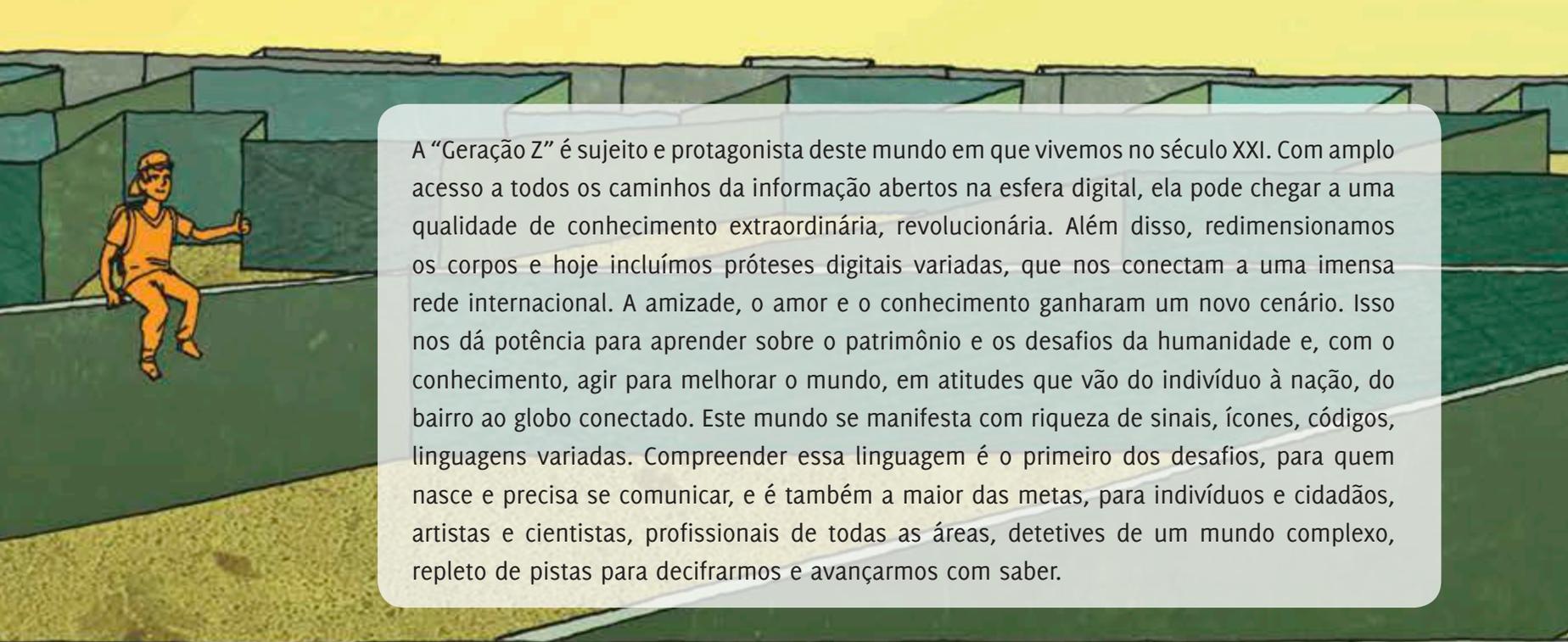
*Os laços humanos são uma mistura de bênção e maldição. Bênção porque é realmente muito prazeroso, muito satisfatório, ter outro parceiro em quem confiar e fazer algo por ele ou ela. É um tipo de experiência indisponível para a amizade no Facebook; então, é uma bênção. E eu acho que muitos jovens não têm nem mesmo consciência do que eles realmente perderam, porque eles nunca vivenciaram esse tipo de situação.*

*Por outro lado, há a maldição, pois, quando você entra no laço, você espera ficar lá para sempre. Você jura, você faz um juramento: até que a morte nos separe, para sempre. O que isso significa? Significa que você empenha o seu futuro. Talvez amanhã, ou no mês que vem, ou no ano que vem, haja novas oportunidades. Agora, você não consegue prevêê-las e você não será capaz de pegar essas oportunidades, porque você ficará preso aos seus antigos compromissos, às suas antigas obrigações. Então, é uma situação muito ambivalente e, conseqüentemente, um fenômeno curioso dessa pessoa solitária numa multidão de solitários. Estamos todos numa solidão e numa multidão ao mesmo tempo.”*

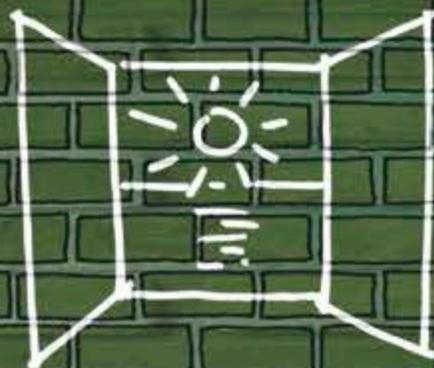
Zygmunt Bauman, em entrevista exclusiva para o *Fronteiras do Pensamento*, disponível no canal Fronteiras, no YouTube.







A “Geração Z” é sujeito e protagonista deste mundo em que vivemos no século XXI. Com amplo acesso a todos os caminhos da informação abertos na esfera digital, ela pode chegar a uma qualidade de conhecimento extraordinária, revolucionária. Além disso, redimensionamos os corpos e hoje incluímos próteses digitais variadas, que nos conectam a uma imensa rede internacional. A amizade, o amor e o conhecimento ganharam um novo cenário. Isso nos dá potência para aprender sobre o patrimônio e os desafios da humanidade e, com o conhecimento, agir para melhorar o mundo, em atitudes que vão do indivíduo à nação, do bairro ao globo conectado. Este mundo se manifesta com riqueza de sinais, ícones, códigos, linguagens variadas. Compreender essa linguagem é o primeiro dos desafios, para quem nasce e precisa se comunicar, e é também a maior das metas, para indivíduos e cidadãos, artistas e cientistas, profissionais de todas as áreas, detetives de um mundo complexo, repleto de pistas para decifrarmos e avançarmos com saber.



LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

FRONTEIRAS  
DO PENSAMENTO



Ministério da  
Cultura



ISBN 978-85-99979-08-2



9 788599 979082